

A AULA COMO ENCONTRO E COMO PROJETO DE RELAÇÕES “FORA DA IDENTIDADE”¹

The class as an encounter and as a project of relationships “outside identity”

Augusto Ponzio²

1 Tradução de Marisol Barenco do original, em italiano, *La lezione come incontro e come progetto di rapporti “fuori identità”*.

2 Doutor em Filosofia pela Università degli Studi di Bari e Professor Ordinario de Filosofia e Teoria dei Linguaggi e Professor Emérito, ensinou na Universidade de Bari “Aldo Moro” de 1970 a 2014 Filosofia da Linguagem e de 1999 a 2012 Linguística Geral. Foi nomeado “Cultore della materia”, no departamento de Letras, Línguas, Artes, italianística e culturas comparadas da mesma Universidade ; ORCID: <https://0000-0001-8073-7675> ; E-mail: augustoponzio@libero.it.

Resumo

O presente ensaio busca refletir sobre os cursos oferecidos pelo Professor Augusto Ponzio, professor Emérito na Università degli Studi di Bari, a partir das demandas políticas dos estudantes italianos, em maio do presente ano, em Roma e em Bari, grandes cidades italianas. Colocando em questão as relações que estabelecemos de modo ordinário com os textos, o professor e filósofo tece suas aulas, chamadas Seminários, entre os anos de 2019 e 2024, conclamando a descentralização das relações entre professores e estudantes em torno a um ensino conteudístico e abstrato. Nos Seminários, os próprios textos que compõem as reflexões – a crítica à identidade, o texto na comunicação ordinária e na arte, a análise da globalização como texto legível, a linguagem literária, as linguagens contemporâneas das mídias digitais – entrecem-se às relações dialógicas entre mestre e estudantes, compondo uma filosofia da linguagem em ato educacional. Ao partilhar dos planejamentos dos encontros, vislumbramos a concepção de mundo que o professor assume, tomando a aula como superfície tensa, experimental, como arena dialógica em que se traduzem as muitas formas de pensar, dizer e agir, na cultura, configurando-se como base crítica contra a ideologia neoliberal na formação estudantil.

Palavras-chave: Seminários; Semiótica do texto; Filosofia da linguagem; Diálogos; Alteridade.

Abstract

This essay aims to reflect on the courses offered by Professor Augusto Ponzio, Professor Emeritus at the Università degli Studi di Bari, based on the political demands of Italian students, in May of this year, in Rome and Bari, Italian cities. Calling into question the relationships we ordinarily establish with texts, the professor and philosopher weaves his lessons, called Seminars, between the years 2019 and 2024, calling for the decentralization of relationships between teachers and students around content-based and abstract teaching. In the Seminars, the very texts that make up the reflections – the critique of identity, the text in ordinary communication and in art, the analysis of globalization as a readable text, literary language, the contemporary languages of digital media – are intertwined with dialogical relationships between master and students, composing a philosophy of language in an educational act. By sharing the planning of the meetings, we glimpse the conception of the world that the teacher assumes, taking the class as a tense, experimental surface, as a dialogical arena in which the many ways of thinking, saying and acting in culture are translated, configuring itself as critical basis against neoliberal ideology in student education.

Keywords: Seminars; Text semiotics; Philosophy of language; Dialogues; Otherness.

Riassunto

Questo saggio cerca di riflettere sui corsi offerti dal professor Augusto Ponzio, professore Emerito dell'Università degli Studi di Bari, sulla base delle rivendicazioni politiche degli studenti italiani, nel maggio di quest'anno, a Roma e Bari, grandi città italiane. Mettendo in discussione le relazioni che normalmente stabiliamo con i testi, il professore e filosofo intreccia le sue lezioni, chiamate Seminari, tra gli anni 2019 e 2024, chiedendo la decentralizzazione delle relazioni tra insegnanti e studenti attorno a un insegnamento basato sui contenuti e astratto. Nei Seminari si intrecciano i testi stessi che compongono le riflessioni – la critica dell'identità, il testo nella comunicazione ordinaria e nell'arte, l'analisi della globalizzazione come testo leggibile, il linguaggio letterario, i linguaggi contemporanei dei media digitali – con rapporti dialogici tra maestro e studenti, componendo una filosofia del linguaggio in un atto educativo. Condividendo la progettazione degli incontri, si intravede la concezione del mondo che l'insegnante assume, considerando la classe come una superficie tesa e sperimentale, come un'arena dialogica in cui si traducono i molteplici modi di pensare, dire e agire della cultura, configurandosi come base critica contro l'ideologia neoliberista nell'educazione studentesca.

Parole chiave: Seminari; Semiotica del testo; Filosofia del linguaggio; Dialoghi; Alterità.

Introdução

Também na Itália o problema da relação estudante-docente, o problema de como a aula é conduzida, que tipo de modalidade de ensino, de formação, é muito sentido. Houve em Roma, nos dias 18 e 19 de maio de 2024, um importante Fórum organizado pelos estudantes e associações “Osa” [Ousa] e “Cambiare rotta” [Mudar o rumo] no qual foi produzido o documento com o título *Per una nuova formazione pubblica in una nuova società* [Para uma nova formação pública em uma nova sociedade]. Este inicia assim:

La nostra generazione non ha nulla da perdere ma tutto da (ri)conquistare. La pandemia, la guerra, la crisi sociale ed ecologica stanno facendo emergere un presente fatto di macerie senza possibili via di uscita, contrariamente a ogni narrazione sulle aspettative di vita delle nuove generazioni in Occidente. La crisi di prospettive rende impossibile per milioni di giovani immaginarsi un miglioramento delle proprie condizioni di vita e anche il “normale” percorso scolastico non rappresenta più una garanzia di ascensore sociale per una fetta importante di studenti nel nostro paese, soprattutto per quelli che provengono da un contesto sociale proletario, autoctono o meno, senza parlare poi dei pochissimi che possono iscriversi e terminare il percorso accademico.

Questa sempre più evidente contraddizione tra le aspettative di un'intera generazione e la realtà rende i luoghi della formazione i punti principali di sviluppo delle contraddizioni politiche e sociali. È proprio tra i banchi di scuola o nelle aule di ateneo, infatti, che gli studenti medi e universitari non solo si scontrano con l'impossibilità di costruirsi un futuro, ma anche con l'ipocrisia e la spietatezza dell'impianto ideologico che sorregge e consolida il capitalismo occidentale nella sua versione neoliberista, sulla base del quale si è fondato tutto l'attuale modello di formazione pubblica: *l'individualismo, la competizione, l'ideologia del “merito”, la superiorità dei valori occidentali sono tutti elementi che ancora vincono ma non convincono più le giovani generazioni*, ed è forse questo *l'apporto maggiore delle mobilitazioni studentesche* contro l'alternanza scuola-lavoro così come delle recenti azioni di boicottaggio accademico in tanti atenei del Paese, in Europa e negli USA.

[A nossa geração não tem nada a perder, mas tudo por (re)conquistar. A pandemia, a guerra, a crise social e ecológica fazem emergir um presente feito de escombros sem possíveis saídas, contrariamente a toda narrativa sobre as expectativas de vida das novas gerações no Ocidente. A crise de perspectivas torna impossível para milhões de

jovens imaginar uma melhoria das próprias condições de vida, e ainda o percurso escolar “normal” não representa mais uma garantia de ascensão social para uma parcela importante de estudantes no nosso país, sobretudo para aqueles que provêm de um contexto social proletário, nativos ou não, sem falar dos pouquíssimos que podem se inscrever e terminar o percurso acadêmico.

Esta cada vez mais evidente contradição entre as expectativas de uma inteira geração e a realidade torna os lugares da formação os pontos principais de desenvolvimento das contradições políticas e sociais. É justamente entre os bancos da escola ou nas salas de ateneu, de fato, que os estudantes médios e universitários não apenas se defrontam com a impossibilidade de construção de um futuro, mas também com a hipocrisia e a crueldade do sistema ideológico que dá suporte e consolida o capitalismo ocidental na sua versão neoliberal, sobre cuja base foi fundado todo o modelo atual de formação pública: o individualismo, a competição, a ideologia do “mérito”, a superioridade dos valores ocidentais, são todos elementos que ainda vencem, mas não convencem mais as gerações jovens, e é talvez este o maior aporte das mobilizações estudantis contra a alternância escola-trabalho, assim como das recentes ações de boicote acadêmico em tantos ateneus do país, na Europa e nos EUA.]

Em 23 de maio de 2024 tem-se, por iniciativa dos estudantes das associações “Osa” e “Cambiare rotta” da Universidade de Bari, no Ateneu ocupado pelos estudantes por protesto, um encontro sobre o tema “Formação pública em uma nova sociedade”, do qual participei, juntamente com alguns outros docentes e a professora Susan Petrilli, que ensina no Dipartimento Innovazione e Ricerca Umanistica (DIRIUM) desta Universidade, Semiótica, Semiótica da tradução e Filosofia da linguagem. A sala na qual se desenvolvia o encontro era a “sala ocupada” *Hind Rajab*. Fui informado sobre o nome que os estudantes deram para a sala: era o nome de uma menina morta durante os bombardeios realizados por Netanyahu sobre a Palestina, na Faixa de Gaza.

Me foi possível e oportuno mostrar, naquele encontro, quão dominante é, em geral, a referência à identidade (de gênero, de estado social, de papel, de profissão, de religião, de “raça”, de língua, de pertença nacional), negligenciando a singularidade de cada um. Isto acontece na escola, na universidade, já na relação Professor-estudante, mas também no caráter conteudista requerido à preparação do estudante, no modo de apresentar a história, a literatura, a diversidade das línguas.

A identidade é a origem da distância, de diferença passivamente sofrida, de contraste, chegando até ao homicídio (feminicídio), e como hoje de novo, sempre de novo, acontece, até chegar na guerra, até chegar ao genocídio.

A relação educativa, professor-estudante assume geralmente o caráter de uma relação impessoal entre duas identidades, assim como idênticos são os

“saberes”, geralmente de caráter conteudístico, a serem transmitidos, a serem avaliados, por parte do docente, e a serem aprendidos, por parte do discente.

1. Os Seminários de Augusto Ponzio em Bari

Depois de ter ensinado como professor ordinário na Universidade de Bari Filosofia da Linguagem e Semiótica, ainda que aposentado, posso ainda oferecer Seminários para os estudantes de Línguas e Literaturas Estrangeiras do Departamento DIRIUM, mencionado acima, na qualidade de professor Emérito. No seminário *Semiótica do texto*, a partir do ano letivo de 2019-20, retomando o meu modo habitual de dar aulas, busquei, seja no tema do seminário, seja no modo de reportar-me aos estudantes que o frequentam, de mostrar a possibilidade de uma “relação fora da identidade”. O seminário não é obrigatório. Os estudantes que vêm a frequentar geralmente passam de cem. O seminário inclui em geral 21 horas divididas em sete encontros de 3 horas cada.

A descrição e os objetivos formativos do seminário em geral são estes:

“O seminário se propõe a oferecer os elementos e as perspectivas para a construção de uma abordagem metodológica e crítica à problemática da leitura, da construção e da interpretação do texto e, portanto, também da sua reformulação, tradução e transposição, utilizando a contribuição da ciência dos signos. A abordagem linguística e semiótica do texto contribui para começar, no percurso formativo do estudante, o conhecimento e a capacidade de aprendizagem e compreensão do texto, mas também a aplicação contextual de tais capacidades e, portanto, a autonomia de juízo, o confronto dialógico e a interligada competência e habilidade comunicativa”.

É possível ter uma ideia dos temas do qual o seminário se ocupa tomando em conta o último ensaio de Roland Barthes, escrito para o Congresso sobre Stendhal (1980) – trad. it. Roland Barthes, *Non si riesce mai a parlare di ciò che si ama* [Nunca se consegue falar daquilo que se ama], publicado pela Mimesis, 2017, no qual se considera a diferença de capacidade expressiva nos textos do discurso ordinário e nos textos da afiguração artístico-literária, e também se mostra a possibilidade destes últimos, justamente enquanto textos “refletidos artisticamente”, que nos fazem tomar em conta a construção, o funcionamento e os limites expressivos dos textos da comunicação ordinária e da sua ideologia identitária.

Entre os textos objeto de referência durante o seminário, além de Roland Barthes, *Non si riesce mai a parlare di ciò che si ama*, Valentin N. Volóchinov, *Parola propria e parola altrui nella sintassi dell'enunciazione* [Palavra própria e palavra alheia na sintaxe da enunciação], Lecce, Pensa Multimedia, 2010; Luciano Ponzio, *Visioni del testo* [Visões do texto], Pensa Multimedia, 2016; Augusto Ponzio, *Interpretazione e scrittura* [Interpretação e escritura], Milano,

Mimesis, 2015; Augusto Ponzio, *La coda dell'occhio. Letture del linguaggio letterario senza confini nazionali* [O rabo do olho. Leituras da linguagem literária sem limites nacionais], Roma, Aracne, 2016; Susan Petrilli (a cura) *L'immagine nella parola, nella musica e nella scrittura* [A imagem na palavra, na música e na escritura], Mimesis, 2018.

Exporei o programa desenvolvido nestes seminários de *Semiótica do texto* a partir do ano acadêmico de 2020-21, para mostrar como é possível desenvolver a aula acadêmica, desde o tema tratado, de modo tal a sair dos esquemas ordinários, a abrindo a uma reflexão sobre a relação entre singular e singular, fora da abstração, da impessoalidade, da *Trappola mortale dell'Identità* [Armadilha mortal da identidade] (este é o título do volume de 2009, organizado por mim, da coletânea por mim dirigida desde 1990, "Athanol. Semiotica, Filosofia, Arte, Letteratura", Mimesis).

O título do já mencionado seminário (2020-21) é *Il testo nel discorso ordinario e nella raffigurazione artistica* [O texto no discurso ordinário e na afiguração artística]. Os encontros semanais com os estudantes, utilizando a contribuição da ciência dos signos, a Semiótica, eram dedicados à reflexão sobre a construção e interpretação do texto, seja como texto oral, seja como texto escrito, e seja como texto da comunicação ordinária, seja como texto da afiguração artística, literária, figurativa, musical, teatral, filmica. Nas temáticas concernentes à construção e à interpretação do texto estavam compreendidas também aquelas da sua reformulação, tradução e transposição. A abordagem linguística e semiótica do texto se voltava para a contribuição ao conhecimento e à capacidade de aprendizagem e compreensão do texto e, portanto, também à crítica, à autonomia de juízo e ao confronto dialógico.

Um relevo particular era dado, no seminário, às diferentes capacidades expressivas dos textos do discurso ordinário e dos textos da afiguração artístico-literária, mostrando as possibilidades destes últimos de dar conta da construção, do funcionamento e dos limites expressivos dos textos ordinários. Entre os textos que foram objeto de referência durante o seminário: Michail Bachtin e il suo Circolo, *Opere, 1919-1930*, testo russo a fronte, tr. e cura di Augusto e Luciano Ponzio, Bompiani, 2014; Jurij Lotman, *Semiotica del cinema e lineamenti di cine-estetica*, Mimesis, Milano, 2020; Roland Barthes, *Il discorso*, tr., intr. e cura di A. Ponzio, Mimesis, 2015; Susan Petrilli (a cura) *L'immagine nella parola, nella musica, nella scrittura*, Mimesis, 2018; Luciano Ponzio, *Visioni del testo*, Pensa Multimedia, Lecce, 2016; Augusto Ponzio, *Linguistica generale, scrittura letteraria e traduzione*, Ed. Guerra, Perugia, 2018. AA.VV., *La persistenza dell'altro. La singolarità dell'altro fuori dall'appartenenza identitaria*, Pensa Multimedia, 2020; Augusto Ponzio e Susan Petrilli, *Semioetica*, Milano, Meltemi, 2024.

Foi dada uma particular importância, nos seminários, à visão indireta da escritura literária (que ao contrário, frequentemente, faz o papel de “Cinderela” na escola e na universidade), na medida em que permite vislumbrar e afigurar aquilo que foge ao olhar direto, muito descoberto e vulnerável. A escritura literária permite afigurar as relações entre singulares, entre únicos, insubstituíveis, como as relações de amizade, de amor – amor materno filial, parental, erótico (o amor de Romeu e Julieta fora da identidade ideológica de Capuletos e Montecchios).

Como a escritura literária olha para as coisas? As olha de modo indireto, com o rabo do olho. E isto lhe permite usar a língua para sair dos limites do mundo com o qual ela coincide, de sair da esfera do ser-assim, da ordem do discurso, da ontologia, mesmo se “Trasumanar significar *per verba* non si poria” [*Transumanar* não se pode entender por palavras] (Dante, *Paradiso*, I, 65-66). Como sobe Dante de céu em céu, até o Paraíso? Olhando nos olhos de Beatriz, segundo o próprio dito do enamorado: “Quando te olho nos olhos, subo ao sétimo céu”.³

Edgard Allan Poe (1958) diz isso também através de Auguste Dupin (*La lettera rubata*) [*A carta roubada*]. Olhar uma estrela de lado, com o rabo do olho, mais sensível às fracas impressões da luz, por uma maior concentração de bastonetes, consente de contemplá-la de modo distinto, de apreciar ao máximo a luminosidade, de ter dela uma percepção mais refinada.

Italo Calvino, em *Lezione americane* (1988), considera o olhar indireto da literatura como “possibilidade de saúde” contra a “peste da linguagem”, que se manifesta como homologação, automatismo, achatamento não só na expressão verbal, mas também na própria vida e até mesmo na imaginação e no desejo: a escritura literária como antídoto às várias manifestações da “epidemia pestilenta” das “identidades dominantes”.

Como tal, a escritura literária também escapa da “identidade nacional”. Apesar da pretensão dominante de lhe atribuir uma identidade nacional (“literatura italiana”, “literatura inglesa”, “literatura francesa”), a linguagem literária está fora das fronteiras nacionais (ver o livro *La coda dell’occhio. Letture del linguaggio letterario senza confini nazionali* (cit.).

O tema do seminário do ano acadêmico de 2022-23 foi *Leggere il testo complessivo della globalizzazione attraverso il raffronto fra testi dell’identità e testi fuori identità* [Ler o texto geral da globalização através do confronto entre textos de identidade e textos fora da identidade]. O programa era este: Os encontros no decurso do seminário, utilizando a contribuição da ciência dos signos, a semiótica, serão dedicados à reflexão sobre a comunicação como se realiza no atual texto geral da globalização.

³ Um dito popular em italiano.

Aqui a comunicação está presente na totalidade do ciclo produtivo – produção, troca, consumo – e envolve todas as partes do planeta inteiro. A pandemia e a guerra evidenciaram maximamente a interconexão, a interdependência, o entrelaçamento que a globalização operou entre lugares e populações que pareciam distantes entre si, isoladas, autônomas.

São os textos da identidade, da pertença nacional, cultura, de religião, de status social etc., que mantêm ainda a ilusão da autonomia e da independência recíproca, dando lugar àquela modalidade de viver a globalização que o Papa Francisco indicou como “globalização da indiferença”, e cada vez mais a realização do interesse, do lucro, a afirmação do próprio domínio se transforma em intolerância, hostilidade, conflito, guerra, massacre, genocídio.

O tema do seminário diz respeito à reflexão sobre a distinção específica entre os textos que são baseados e construídos sobre a relação de identidade – e que são aqueles que entram na esfera do “público” – e os textos fora da identidade, entre singularidades, entre “únicos”, entre insubstituíveis, não intercambiáveis, considerados seja na comunicação ordinária, seja na afiguração artística, com referência particular à afiguração literária, à linguagem literária, a qual não conhece fronteiras nacionais.

Nos textos fora da identidade vige um direito não contemplado entre os direitos humanos e que todos nós, ao contrário, no privado, conhecemos bem e fazemos valer nas relações afetivas, de amor, de amizade: *o direito à infuncionalidade*, que é de fato o direito que está na base de todos os direitos humanos *não reduzidos aos direitos da identidade, mas que compreendem* – como sua condição de direitos humanos – *os direitos dos outros*.

Trata-se do direito de valor de cada um, e de ser reconhecido como tal nas relações, independentemente das próprias capacidades, do interesse que se possa extrair disso, da própria utilidade (ver A. Ponzio, *Elogio dell’infunzionale*, Mimesis, 2004, agora em A. Ponzio, *Quadrilogia*, Milano, Mimesis, pp. 137-292).

Nas temáticas concernentes à construção e à interpretação do texto estão compreendidas também aquelas da sua reformulação, tradução e transposição. A abordagem linguística e semiótica do texto se volta para contribuir para o conhecimento e para a capacidade de aprendizagem e compreensão do texto e, portanto, à crítica, à autonomia do juízo e ao confronto dialógico.

Entre os textos que foram referência durante o seminário: *La persistenza dell’altro. La singolarità dell’altro fuori dall’appartenenza identitaria*, Pensa Multimedia, 2020; R. Barthes, *Il discorso amoroso*, Mimesis, 2015; R. Barthes, *Il Neutro*, Mimesis, 2022; S. Petrilli, *Senza Ripari, Segni, Differenze, Interferenze*, Mimesis, 2021; A. Ponzio, *La coda dell’occhio. Letture del linguaggio letterario senza confini nazionali*, Aracne, 2016; J. Lotman, *Semiotica del cinema e lineamenti di cine-estetica*, Mimesis, 2020; A. Schaff,

Traduzione e ideologia, Pensa MultiMedia, 2022. O seminário se desenvolveu em colaboração com a Associação dos Estudantes Link-Lingue.

O seminário de Semiótica do texto do ano acadêmico de 2023-24 teve como título: “Fare testo”. *Socials, Mass-media* e singularità incomparabili” [“Fazer texto”: Redes sociais, *mass-media* e singularidades incomparáveis”]. O programa foi o seguinte:

Os encontros no decorrer do seminário, utilizando a contribuição da ciência dos signos, a semiótica, e da filosofia da linguagem, dessa inseparável, serão dedicados à reflexão sobre a comunicação, como se realiza na atual forma de organização social, a *globalização*. Aqui é dominante o “fazer texto” não só na indiferença pelos outros, mas também contra os outros, prejudicando os outros, e até à negação das possibilidades de vida não só dos “semelhantes”, mas da própria vida sobre o nosso planeta.

O tema do seminário diz respeito à reflexão sobre a distinção específica entre o “Fazer texto” na comunicação através das redes sociais e *mass-media*, até o máximo do “viral”, textos que são baseados e construídos sobre a relação de identidade – e que são aqueles que entram na esfera do “público” – e textos fora da identidade, entre singularidades, entre “únicos”, entre insubstituíveis, não intercambiáveis, considerados seja na comunicação ordinária, seja na afiguração artística, com referência particular à escritura literária, à linguagem literária.

A linguagem literária, de fato, consegue realizar a singularidade de cada um, na sua excepcionalidade, unicidade, insubstituibilidade, e também a relação entre singularidades, entre alteridades.

Nos textos fora da identidade vige o direito a que já nos referimos, que é o direito à infuncionalidade, conseguindo “fazer texto” pelos outros na sua absoluta incomparabilidade, na sua absoluta insubstituibilidade.

Nas temáticas concernentes ao tema do curso, estão compreendidas aquelas da análise da enunciação, da expressão, da diferença entre querer ouvir e escuta, entre interpretação e compreensão contribuindo para a crítica, para a autonomia de juízo e para o confronto dialógico.

Entre os textos durante o seminário, que são “companheiros de viagem”, mas não “objeto de estudo” (isto estaria em contradição com o tema: a nenhum de nós agradaria ter relações com o que se “quer estudar”): R. Barthes, *Il discorso amoroso*, tr. e organização di A. Ponzio, Mimesis; Barthes, *Il Neutro*, Mimesis; A. Ponzio, *La coda dell’occhio. Letture del linguaggio letterario senza confini nazionali*, Aracne; *L’immagine nella parola nella musica nella pittura*, a cura di S. Petrilli, Mimesis.

O seminário do atual ano acadêmico 2024-25 se intitula “La singularità dialogica di ciascun umano come testo non riproducibile” [A singularidade dialógica de cada humano como texto não reproduzível]. O programa tem como epígrafe uma frase de Emmanuel Levinas, extraída de seu livro de 1972,

Humanisme de l'autre homme [Humanismo do outro homem] (Montpellier, Fata Morgana):

“L’umanità dell’uomo è senza identità. Tutto l’umano ne è fuori”. [“A humanidade do homem é sem identidade. Todo o humano é fora disso”]

O tema do seminário diz respeito à reflexão sobre a distinção específica entre os textos que são baseados e construídos sobre a relação de identidade – e que são aqueles que entram na esfera do “público” – e os textos fora da identidade, entre singularidades, entre “únicos”, entre insubstituíveis, não intercambiáveis, considerados seja na comunicação ordinária, seja na afiguração artística, com referência particular à afiguração literária, à linguagem literária, que consegue realizar a singularidade de cada um, na sua excepcionalidade, unicidade, insubstituibilidade, e a relação entre singularidades, entre alteridades. Livro de referência: Roland Barthes, *Vivere insieme*, tr. intr. e cura di A. Ponzio, Mimesis 2024.

Considerações finais

Procuirei, neste meu texto, com minhas considerações, referindo-me às iniciativas dos estudantes das Universidades de Roma e de Bari, e com a exposição das temáticas tratadas nos meus seminários anuais de *Semiótica do texto* desde o ano acadêmico de 2019-20 até o atual ano acadêmico de 2024-25, de dar a minha contribuição à iniciativa da publicação *A aula como ato ético, estético, político*.

Independente de quanto eu tenha conseguido ou não, resulta como importantíssima e imprescindível a descrição da aula assim como está apresentada no programa desta iniciativa, isto é, como “o espaçotempo formativo essencial da cultura”. Um evento vivo na sua história, na qual os sujeitos exercitam ativamente nos movimentos de compreensão, incorporação, recusa, dúvida, experimentação, recriação e renovação de toda a arquitetura viva e humana que a cultura e seus valores, todos expressos em signos ideológicos. A aula é uma superfície tensa e experimental, uma arena ideológica na qual o mundo se gesta, sobre a base do protagonismo pluridiscursivo e dialógico de que são feitas a cultura e as culturas humanas.

Referências bibliográficas

Bachtin, Michail, e il suo Circolo. 2014. *Opere, 1919-1930*, testo russo a fronte, tr. e cura di Augusto e Luciano Ponzio. Milano: Bompiani.

Barthes, Roland. 2015. *Il discorso amoroso*. tr., intr. e cura di A. Ponzio. Milano: Mimesis.

Barthes, Roland. 2017. *Non si riesce mai a parlare di ciò che si ama*. tr., intr. e cura di A. Ponzio. Milano: Mimesis.

Barthes, Roland. 2022. *Il Neutro*. A cura di A. Ponzio. Milano: Mimesis.

Barthes, Roland. 2024. *Come vivere insieme*. Tr, intr. e cura di A. Ponzio. Milano: Mimesis.

Calvino, Italo. 1988. *Lezioni americane*. Milano: Feltrinelli.

Levinas, Emmanuel. 1972. *Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana.

Lotman, Jurij. 2020. *Semiotica del cinema e lineamenti di cine-estetica*. Tr. e cura di Luciano Ponzio. Milano: Mimesis.

Petrilli, Susan (a cura). 2018. *L'immagine nella parola, nella musica, nella scrittura*. Milano: Mimesis.

Petrilli, Susan. 2021. *Senza ripari*. Segni, Differenze, Interferenze. Milano: Mimesis.

Petrilli, Susan. (a cura). 2024. *La speranza come segno*. Hope as a Sign, Milano, Mimesis.

Petrilli, Susan e Ponzio, Augusto. 2024. *Semioetica*. Milano: Meltemi.

Poe, Edgar Allan. 1958. *Racconti Straordinari - Genesi di un poema - Racconti grotteschi e seri*. Trad. di Renato Ferrari. Milano: Edizioni per Il Club del Libro.

Ponzio, Augusto (a cura). 1990. *La trappola mortale dell'Identità*. Milano: Mimesis.

Ponzio, Augusto. 2004. *Elogio dell'infunzionale*. Milano: Bompiani.

Ponzio, Augusto. 2015. *Interpretazione e scrittura*. Lecce: Penza Multimedia.

Ponzio, Augusto. 2016. *La coda dell'occhio*. Letture del linguaggio letterario senza confini nazionali. Roma: Aracne.

Ponzio, Augusto. 2018. *Linguistica generale, scrittura letteraria e traduzione*. Perugia: Ed. Guerra.

Ponzio, Augusto. 2024. *Quadrilogia*. Milano: Mimesis.

Ponzio, Luciano. 2016. *Visioni del testo*. Lecce: Pensa Multimedia.

Ponzio, Luciano (a cura). 2020. *La persistenza dell'altro*. La singolarità dell'altro fuori dall'appartenenza identitaria, Lecce, Pensa Multimedia.

Schaff, Adam. 2022. *Traduzione e ideologia*. A cura di Augusto Ponzio. Lecce: Pensa Multimedia.

Vološinov, Valentin N. 2010. *Parola propria e parola altrui nella sintassi dell'enunciazione*. Tr. e cura di Luciano Ponzio, Lecce, Pensa Multimedia.
